



Mariana Danuza Corteze

# Manifestos Urgentes

## descaminhos de uma caligrafia impressa sob(re) a pele urbana

**S**e por hipótese indomável expandíssemos os limites do tradicional conceito de arte, nos defrontaríamos não mais com o dispositivo, mas sim com a fissura que põe à prova e desvela contramodelos de comportamentos hoje tão urgentes. Tal conduta exalta uma disposição corporal, um recorte de espaços e de tempos singulares que revela um conhecimento sensível político, seja porque evidencia os enigmas da dominação ou porque sai dos seus lugares próprios para transformar-se em prática social. É no embaralhamento dessas fronteiras, confundindo os papéis e propondo a emancipação<sup>1</sup> dos sujeitos que a arte contemporânea – e todas as suas competências artísticas – tende a sair do seu domínio e a trocar de lugares e poderes. Podres poderes, diria Caetano. Logo, reconfiguremos o

<sup>1</sup> Termo utilizado junto ao filósofo contemporâneo francês Jacques Rancière, no qual evidencia a importância de uma educação horizontal, na qual um anônimo, por exemplo, pode se tornar igual a qualquer outro, encontrando seus próprios meios de se fazer ouvir.

aqui e o agora: nossas expressões artísticas, nossos espaços de atuação, nossa cidade.

Joseph Beuys (1921 – 1986) certa vez afirmou: “Libertar as pessoas é o objetivo da arte; logo, a arte, para mim, é a ciência da liberdade”. Eis um artista que acreditava na transformação social como grande obra humana, necessariamente coletiva, essencialmente plástica. Talvez por isso, hoje, confio na potência da arte para uma cidade sensivelmente<sup>2</sup> habitada, portadora de uma vontade de ler e reler o mundo, olhando a vida nas suas menores manifestações. Essa confiança se apoia na

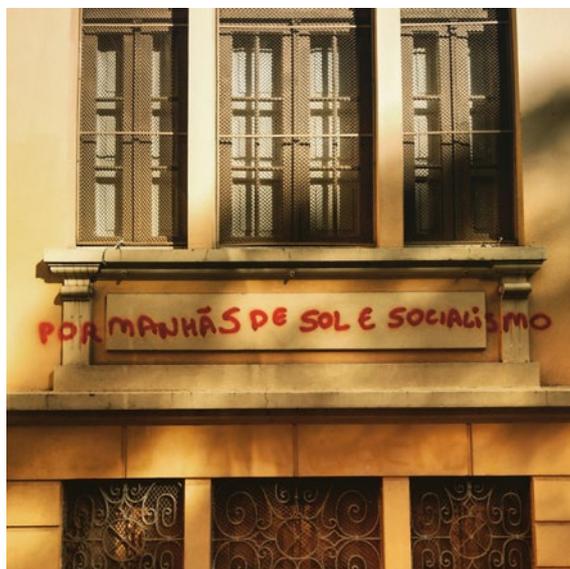
<sup>2</sup> A artista brasileira Brígida Campbell, junto à sua vontade de expandir seu fazer para outros espaços, organizou o escrito *Arte para uma cidade sensível*, no qual reflete acerca de situações artísticas contemporâneas que utilizam a cidade para criar e ganhar força e formas, ampliando assim, o potencial político e rebelde da arte. Nesse panorama, pode-se articular o aspecto de liberdade da produção ética-estética e, conseqüentemente, os circuitos que acontecem de forma paralela ao dito oficial da arte.

*O mais profundo é a pele.*  
- Paul Valéry

### Mariana Danuza Corteze

é graduada em Estudos Artísticos pela Universidade de Coimbra (UC) e em Artes Visuais pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel), onde atualmente é mestranda bolsista Capes, na linha de Processos criativos e poéticas do cotidiano.

maricorteze@hotmail.com



coragem do diálogo, sendo esse, uma atividade formada por nós: você, eu e quem mais desejar. Essa é uma prática de não violência. Ela se torna impossível quando se perde a dimensão do outro. É, por assim dizer, uma força que não surge sem uma abertura ao diferente, a um entrelaçamento de pensamentos – que nunca é neutro: ou confirma o estado das coisas ou é crítico – e práticas lúcidas e lúdicas em tempos temerosos<sup>3</sup>.

3 A filósofa brasileira Marcia Tiburi nos auxilia a compreender a importância do diálogo, visto que habitamos um país onde cada vez mais existem pessoas que lutam contra laços sociais, enquanto sustentam suas relações autoritárias, negando o outro. O ódio ao outro, ao diferente, torna-se efetivado na prática diária, quando o outro é manipulado, quando não violentado simbolicamente: “Há algo de assustador no ódio contemporâneo. Não se tem vergonha dele, ele está autorizado hoje em dia e não é evitado. (...) O ódio gera um não lugar, o espaço habitado pelo excluído que não é um lugar político,

É em busca de um conhecimento espacial e sensível que trago, neste desprezioso escrito, intervenções urbanas que são situações e, consecutivamente, proposições que relacionam as esferas humanas, provocando envolvimento, participação. Certamente, é sabido que a discussão sobre *pixação*<sup>4</sup> e grafite tem pulsado, hoje mais do que nunca – ainda mais com a polêmica medida no início do mandato do prefeito da cidade de São Paulo, João Doria, no programa de

mas antipolítico. A luta dos excluídos é por saírem desse lugar ganhando voz e chance de sobreviver. Em uma política verdadeiramente democrática deveria haver lugar para todos, para vários modos de produção de existência e de subsistência que não precisassem seguir o ordenamento do capital” (Tiburi, 2017, p. 30).

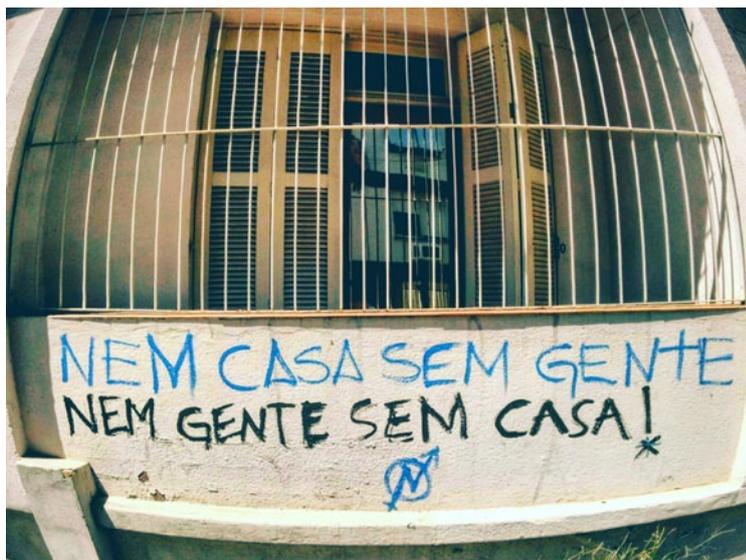
4 Aqui utilizada com x, pois assim é identificada nos muros das cidades. O pixo é uma manifestação humana, como a própria arte. Ela ataca o espaço privado, no sentido de lutar pelo direito à cidade, já que toma para si a transgressão das normas.

governo “Cidade Limpa”<sup>5</sup> –, seja pela sua inserção como prática política, transgressora, seja pela construção de uma vacância da comunidade dominada para a produção de reflexão do espaço urbano.

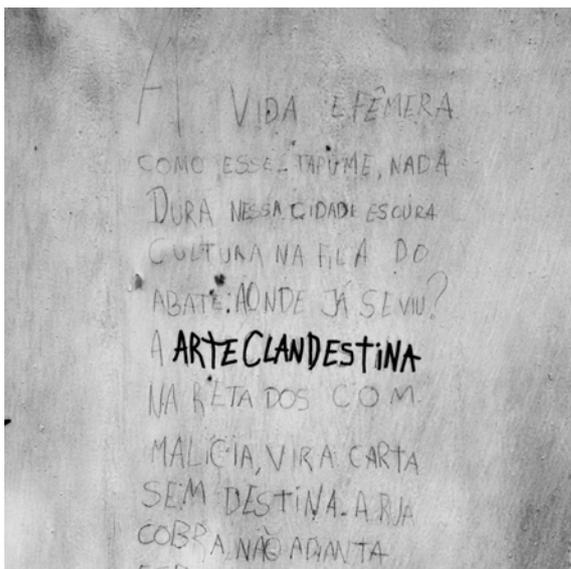
Nessa complexa e contemporânea ambiência torna-se necessário ponderar o momento em que a intervenção urbana nasceu no Brasil. Sendo esse momento, precisamente, o período da ditadura militar, com os movimentos de oposição às proibições estabelecidas pelo governo em ocupar as ruas. Três décadas depois, as escritas urbanas ainda são importantes atuantes no que se entende por transgredir a instituição, indo além de seu interesse estético – característico do grafite, socialmente aceito como forma de expressão artística –, mas colocando-se como intervenção predatória, visualmente agressiva, desprovida de valor artístico, mas repleta de valor simbólico e cultural.

Os *pixos* – essencialmente aqueles que aqui estão – são intervenções que visam perfurar os muros ideológicos conservadores que até então pertencem. Eles dependem quase que visceralmente da persistência da resistência, até o momento em que dá vida à discursos urbanos marginais. Essa vida é mais que necessária, chega a ser vital para alguns. Tais manifestos almejam comunicar, mediar, incomodar, discutir, problematizar seu cotidiano, a partir do momento em que ecoam a voz de sujeitos anônimos, invisíveis, silenciados, amordaçados socialmente.

Diante disso, tanto o artista, o *pixador*, como o habitante que transita pela cidade – seja na margem ou no centro dela –, produzem uma forma de consciência, uma alocação, uma marca simbólica – semelhante aos desenhos rupestres – que impulsiona questionamentos acerca dos discursos culturais dominantes. É, nesse sentido, uma grafia que também é técnica de guerrilha, pois deixa suas nódoas, suas manchas, suas feridas impressas na pele urbana para estremeecer a anestesia que hoje culmina.



<sup>5</sup> A pesquisadora brasileira Andy Jankovski desenvolveu um pujante escrito intitulado “Pixação não é arte e nem é para ser” sobre essa questão.



## EXPANDINDO A PELE E CRIANDO POROS

Derradeiramente somos amassados pela gravidade, pela inércia e imobilidade. Só que essas são agora, mais do que antes, fortemente intensificadas por um (des)governo que paira por nossas casas, nossas ruas, nossas esquinas, nosso chão. Ele meticulosamente carrega circunstâncias atemorizadoras que pouco a pouco nos amarram e machucam. É assim que as paredes começam a perder suas cores e, como uma troca de pele, descascam, descamam um mundo que grita alerta. As ruas, de repente, parecem reduzidas a um empilhamento aleatório, a um amontoamento, formigamento, por não dizer deterioramento de horários e cronogramas incessantes a cumprir. É, as cidades estão polvilhadas de destroços e em todos os rostos circulantes há sinais de reticências: boca fechada, olhos sombrios, pensamento aflito.

O mais estranho é que de tão imersos, às vezes, não parecemos ter algo a dizer sobre isso. Mas temos. Eu tenho. Tanta gente tem. Existe uma voz que sussurra, que se materializa em versos, em instrumento, prática e postura desassociadas desta sociedade, desta logística que nos contorna. Essa voz é a reivindicação da rua. Seu linguajar expressivo nos encontra, atravessa e subitamente muda o caminho, criando uma espécie de ruído na paisagem urbana. É justamente essa fissura em estado de resistência, expansão, ocupação, reinvenção, qui-

zá invasão, que contém a possibilidade de sacudir os tantos modos de vida do nosso tempo. Talvez, ela não venha se opor à gravidade, mas produz tangentes à sua reta: quando revela maneiras de escorregar, dissolver, dispersar, corroer o sistema em forma de contra-arte, contraestética, contracosmética social.

Trata-se, portanto, de perceber as possibilidades de atuar – em vez de controlar – na audaciosa tentativa de construir uma paisagem crítica, poética, repleta de atividades geradoras de pensamento e desequilíbrio. Quem sabe assim acentuaremos as inclinações e provocaremos deslizamentos de funcionamento, sejam quais forem. Afinal de contas, essa caligrafia está na margem de uma construção que não tem linhas guias como referência. Ela se desloca, se desintegra,



se desmonta, implicando uma relação dinâmica, ativa, instável, capaz de se movimentar, dialogar e, sobretudo, tencionar. É como se a cidade fosse despida de sua pele e provida de uma existência mais intensa, mais carnal, mais humana.

## BREVES E POSSÍVEIS DESCAMINHOS

Sugiro um respiro. Um suspiro. Sugiro uma tomada de consciência corpórea e incorpórea para um afrontamento que requer disponibilidade, cuidado e compreensão de outras possibilidades de vida.

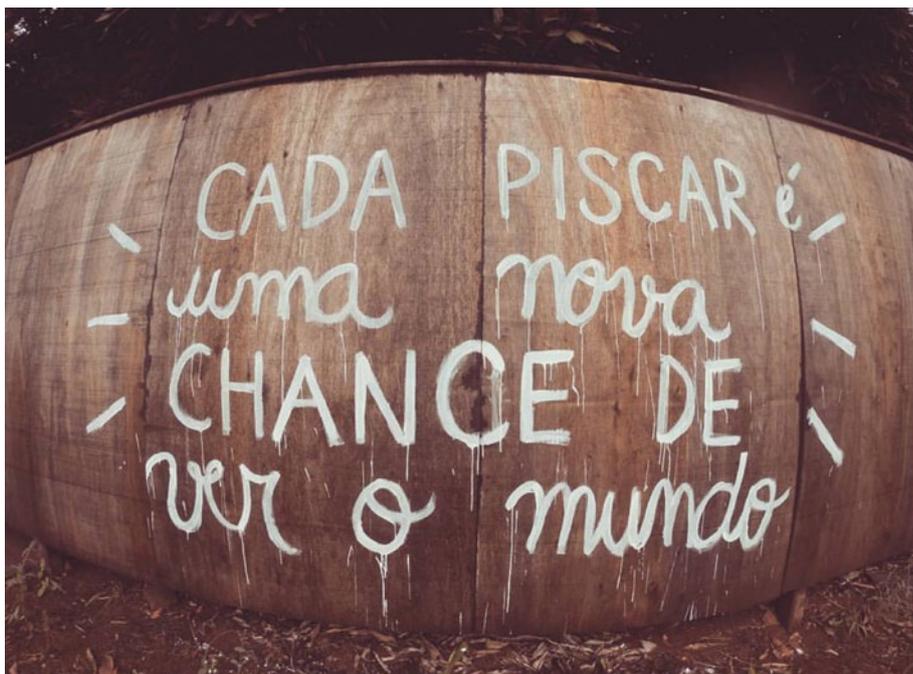
Se assim agora estiver, sigamos.

Como artista, pesquisadora e portadora de tantos não saberes, tráfego pelo mundo com um olhar atento. Estratos, revestimentos, cascas, rugas, rastros, sulcos, dobras, corpos me interessam. Formas de dizer e fazer o corpo e seu abrigo me encantam. Por conta disso, desnudo uma pequena série de escritos urbanos que despiram meus dias em cidades, países e circunstâncias diferentes: Brasil: Porto Alegre, Pelotas, Três de Maio; Holanda: Amsterdam; Uruguai: Rivera e Chuy.

Tal conjunto imagético não encontra começo nem fim. Ele se faz em respingos, em caminhos, nós e costuras que tecem uma compreensão de uma vida-criação-escrita tátil. Compor seu agrupamento é saber que criar é construir criticamente, pois sua união produzirá um discurso, um reposicionamento frente ao mundo enquanto contato e reverberação de questionamentos. Portanto, sintam-se à vontade – com todas as licenças e liberdades poéticas possíveis – para provocar conhecimentos íntimos, ínfimos, além dos aqui propostos, diante dos aqui violados.

## BIBLIOGRAFIA

- BEUYS, Joseph. **A revolução somos nós**. São Paulo: Edições SESC SP, 2010.
- CAMPBELL, Brígida. **Arte para uma cidade sensível**. São Paulo: Invisíveis Produções, 2015.
- JANKOVKI, Andy. **Pixação não é arte e nem é para ser**. Disponível em: <http://paragrafo2.com.br/2017/01/19/a-pixacao-nao-e-arte-e-nao-e-para-ser/>. Acesso em 15 fev. 2017.
- RANCIÈRE, Jacques. **O espectador emancipado**.



- São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.
- TIBURI, Marcia. **Como conversar com um fascista**. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- VALERY, Paul. **Variedades**. São Paulo: Iluminuras, 2011. ■